

O Cotidiano de Augusto

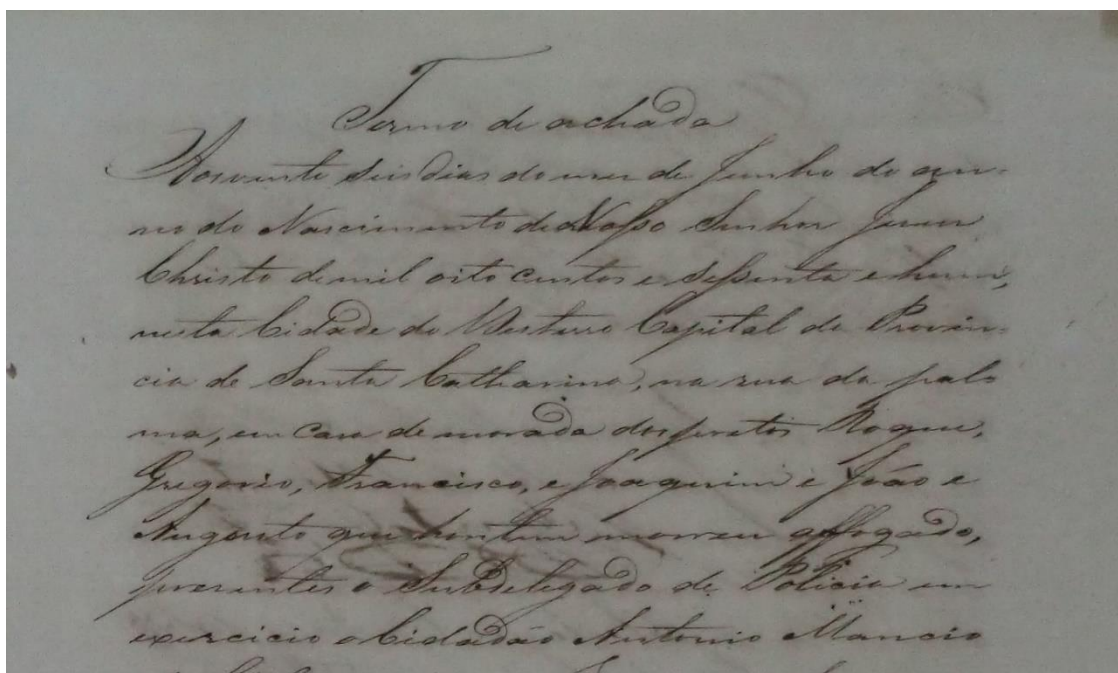
Você sabia que para escrever a história, historiadores fazem análise de documento?

Eles reúnem textos do período que estão estudando e a partir deles fazem interpretações do passado. Esta será a sua tarefa: desvendar as pistas da documentação e criar uma narrativa para contar a história de Augusto. Para isto, siga as etapas abaixo. Quando tiver reunido todas as pistas possíveis, é hora de criar sua narrativa!

Augusto foi um africano que viveu na cidade de Nossa Senhora do Desterro, que hoje é chamada de Florianópolis/SC, na metade do século XIX. Assim como outros homens e mulheres vindos da Costa da África, Augusto tinha várias **identidades**.

Primeira Etapa:

Com quem Augusto morava e onde vivia em Nossa Senhora do Desterro? O documento abaixo, escrito no dia 26 de junho de 1861 nos dá esta informação. Será que você consegue ler este inventário do século XIX?



Fonte.: Reprodução do Inventário de Augusto, Africano Livre, 1861, Desterro, Capital da Província de Santa Catarina, fls. 3

Augusto morava na Rua da Palma, junto com mais 5 homens: Roque, Gregorio, Francisco, Joaquim e João. Na Rua do Príncipe, Augusto alugou um espaço junto com mais dois de seus companheiros para descansar nos dias de trabalho.

O que são patacas e vinténs? Descubra neste dicionário: <https://www.priberam.pt/dlpo/>

O escrivão Vidal Pedro Moraes assim se refere a Augusto na documentação:

a arrecadação no dinheiro e bahú com roupa que se encontrou pertencente ao preto Augusto Affricano livre que morrera afogado no mar no dia 25.

Fonte: Inventário de Augusto, Africano Livre, 1861, Desterro, Capital da Província de Santa Catarina, fls. 2

Como você deve ter notado, no século XIX geralmente a condição jurídica acompanhava o nome de alguns sujeitos, especificando se eram livres, libertos ou escravizados.

O Coronel Manoel José de Espindula, que disse ser amo de Augusto, assim o descreveu:

Que o preto Augusto estava em sua direção e de baixo de seu governo, mas que morava e assistia fora, e que de noite vinha dormir em sua casa.

Fonte: Inventário de Augusto, Africano Livre, 1861, Desterro, Capital da Província de Santa Catarina, fls. 8 verso.

Você sabia? Naquele período também era comum se referir a homens e mulheres provenientes do Continente africano como pretos.

O negociante Maximiano José de Magalhães de Sousa, para quem Augusto trabalhava, afirmou:

Disse que o preto era tão diligente e dedicado ao trabalho e econômico que não perdia tempo trabalhando sempre e de tudo fazendo dinheiro, sendo que em despesa quase nenhuma gastava pois além d'elle respondente dou-lhe comida e vestir como geralmente é sabido, ocorre que suprimentos iguais sabia elle pelas suas boas maneiras e qualidades dos comandantes dos navios que trabalhava, e que a sua economia era tal que muitas vezes ate para comprar sigarro ele pedia dinheiro emprestado.

Fonte: Inventário de Augusto, Africano Livre, 1861, Desterro, Capital da Província de Santa Catarina, fls. 12

É possível imaginar um dia da vida de Augusto a partir destes depoimentos?

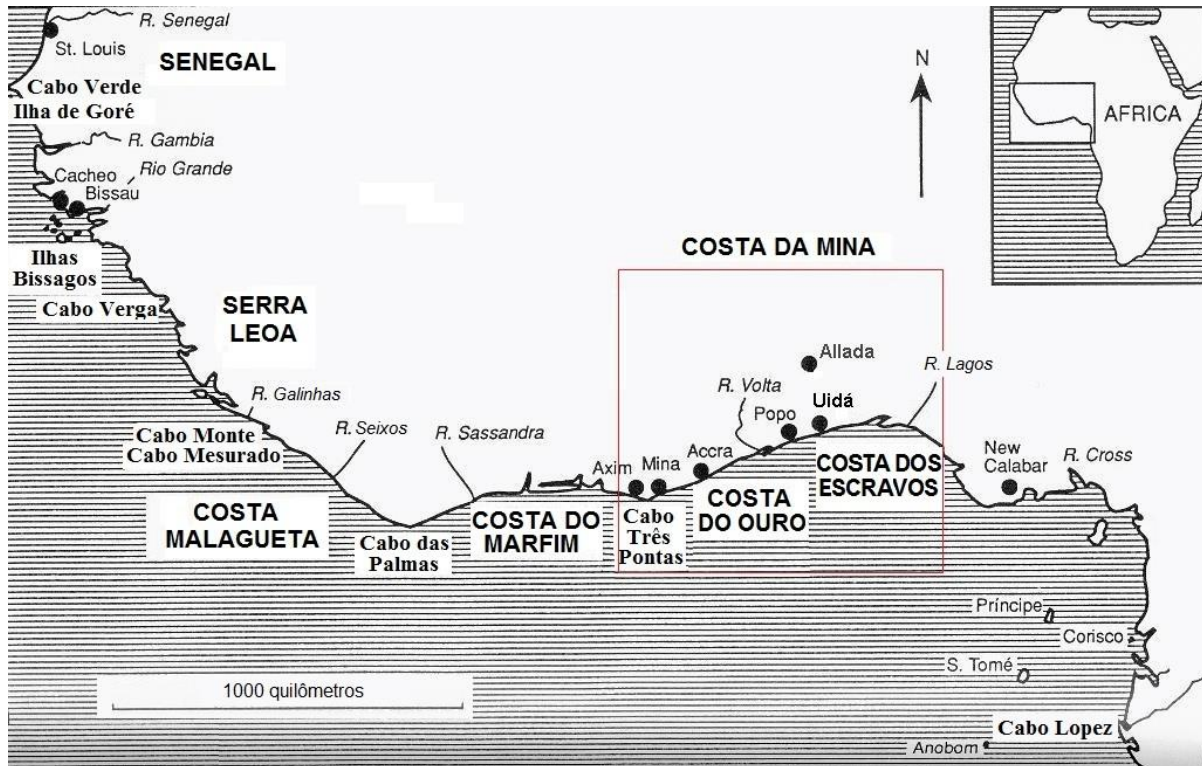
Crie uma lista de suas possíveis identidades e o que elas significam.

Terceira Etapa

Joaquim, colega de Augusto, afirmou que nosso personagem possuía marcas e línguas que o diferenciavam como um preto Mina.

O termo Mina provavelmente se refere à *Costa da Mina*, região correspondente à África Ocidental. Confira no mapa a localização. Para ser mais interessante, você também pode buscar mais informações sobre esta região em África.

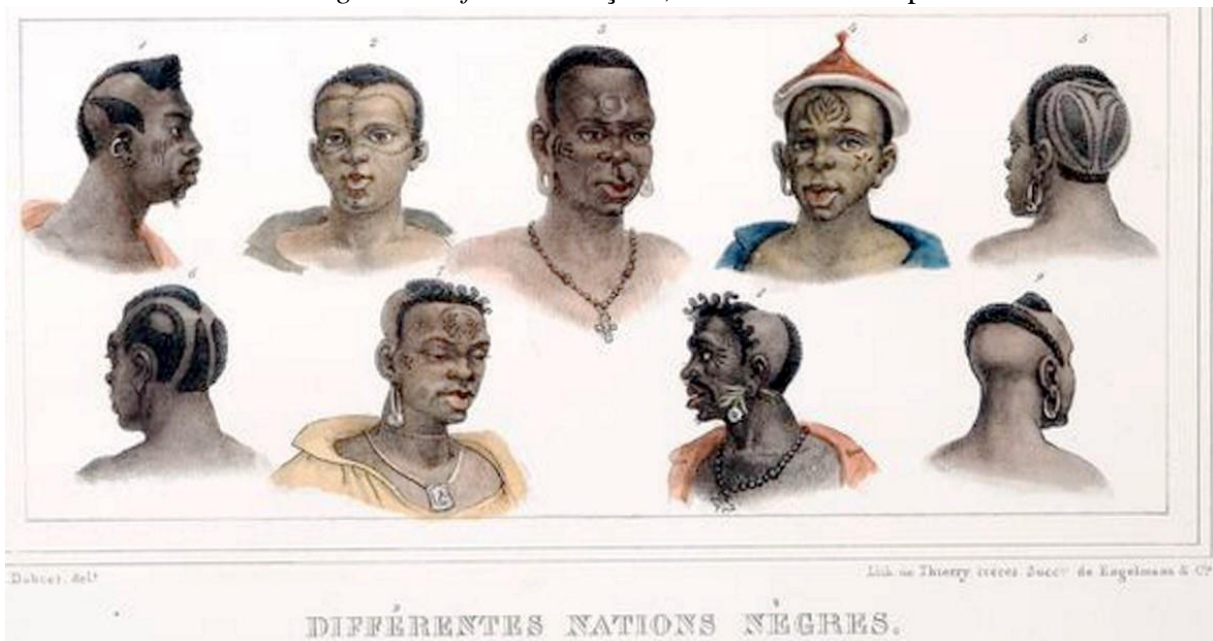
Mapa da Costa da Guiné, século XVII



Fonte: CENTRO DE ESTUDOS AFRO-ORIENTAIS/UFBA. **Práticas religiosas na Costa da Mina**. Disponível em: <<http://www.costadamina.ufba.br/index.php?conteudo/exibir/11>> . Acesso em 09 jul. 2018.

A quais marcas Joaquim se referia? O pintor Jean-Baptiste Debret, quando esteve no Brasil, fez vários registros de marcas e escarificações de africanos, africanas e seus descendentes que moravam no Rio de Janeiro. Identifique na gravura abaixo o que ele conseguiu observar.

Negros de diferentes nações, 1835. De Jean-Baptiste Debret



Fonte: BANDEIRA, Julio; LAGO, Pedro Corrêa. **Debret e o Brasil**: obra completa, 1816-1831. Rio de Janeiro: Editora Capivara, 2013. p. 585

Escarificação é uma prática cultural realizada por diferentes povos do continente africano. É uma incisão na pele, geralmente com algum instrumento afiado, para criar algum formato que carrega um significado. Analise o personagem ao lado. É possível identificar algo parecido? E atualmente, existe em nossa sociedade algo assim?

Quarta Etapa

Você deve ter notado que ao lado de nosso personagem há um banquinho. O que será que isto tem a ver com a sua trajetória?

Leia o trecho do documento abaixo:

*e sendo ahi pelo preto Roque foi apresentado um banquinho com gaveta, disendo pertencer ao preto Augusto Affricano livre [...] e procedendo se por ordem do dito Subdelegado a abertura da gaveta, se encontrou dentro da mesma gaveta, em ouro três moedas de 20\$000r [20 mil réis], e uha de 10\$000r [10 mil réis]; em prata trinta e tres moedas de 1\$000 [um mil réis], quarenta de 500 reis; em papel, duas notas de 10\$000 rs [10 mil réis], onse de 5\$000 rs [5 mil réis], desassete de 2\$000 rs [2 mil réis], e dusetos e seis de 1\$000 rs; somando tudo em **quatro centos e trinta e oito mil reis**.*

Fonte: Inventário de Augusto, Africano Livre, 1861, Desterro, Capital da Província de Santa Catarina, fls. 3

Nosso personagem guardava neste banquinho uma pequena fortuna. Naquele tempo, era difícil para africanos e africanas guardarem tamanha quantia consigo. Releia os depoimentos da Primeira Etapa. Será que você consegue identificar com o que Augusto trabalhava e como conseguiu economizar este dinheiro? Você também poderá imaginar o que ele gostaria de fazer com esta quantia.

Agora você já tem algumas pistas sobre a trajetória de Augusto. Está pronto para criar uma narrativa que conte sua história!

O COTIDIANO DE MANOEL

Você sabia que para escrever a história, historiadores fazem análise de documento?

Eles reúnem textos do período que estão estudando e a partir deles fazem interpretações do passado. Esta será a sua tarefa: desvendar as pistas da documentação e criar uma narrativa para contar a história de Manoel Luis Leal. Para isto, siga as etapas abaixo. Quando tiver reunido todas as pistas possíveis, é hora de criar sua narrativa!

Manoel foi um africano que viveu na ilha de Santa Catarina na metade do século XIX, hoje conhecida por Florianópolis/SC. Como você deve imaginar, nosso personagem teve várias **experiências** na cidade.

Primeira Etapa

Os documentos nos deixam apenas pistas da trajetória de Manoel. É o nosso olhar atento e questionador ao fazer a leitura dos mesmos que pode nos dar indícios de sua experiência na cidade de Desterro.

Foi Joaquim Amaro de Sousa, companheiro de moradia de Manoel, quem apresentou ao Juízo de Órfãos e Ausentes os seus pertences para inventário:

1 coberta, 1 manta escura, 1 chale, 1 fronha de crivo, 2 camisas brancas, 1 par de ceroulas, 2 toalhas de crivo, 1 lenço branco de crivo, 1 cortinado de talagarça, 1 chapéu, 1 imagem de Nossa Senhora da Piedade, 1 marquesa em mau estado, 1 facão, 1 par de meias, 1 colcha de chita, 1 lençol, 1 cobertor em mau estado, 3 travesseiros, 1 par de botinas em mau estado, 1 viola em bom estado, 1 baú de pau, 1 caixa velha com roupas velhas, 1 mesa pequena em bom estado.

Fonte: Processo de Autos de Arrecadação dos Bens de Manoel Luiz Leal, 1879, Desterro, Capital da Província de Santa Catarina, fls. 3-3v.

A partir destes itens, você consegue imaginar a casa em que moravam Manoel e Joaquim? Ali constam roupas de cama, móveis comuns para uma residência como mesa e cortinas, além de vestimentas próprias de Manoel. Busque no [google](https://www.google.com) imagens dos itens que você desconhece.

Também há alguns pertences que não são tão comuns assim. Agora faça um inventário com estes itens e escreva ao lado quais seriam seus possíveis usos por Manoel.

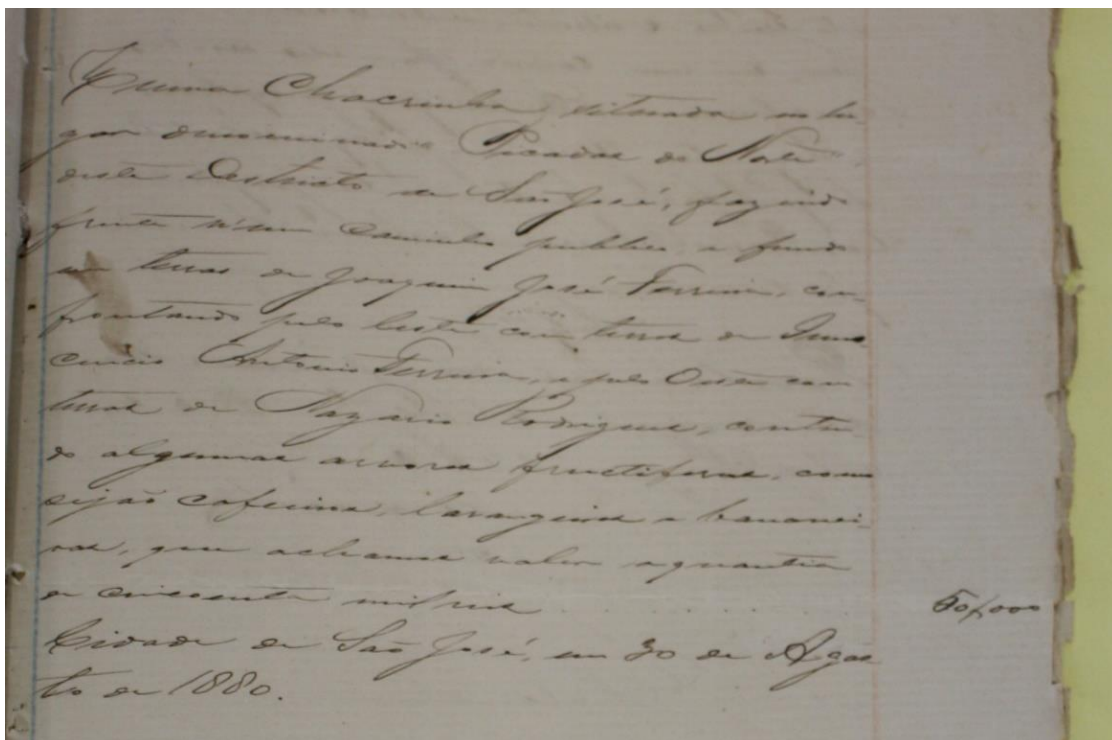
Segunda Etapa

No dia 26 de abril de 1879, chegou às mãos do escrivão José de Miranda Santos, responsável pelo processo de arrecadação de bens de Manoel, outro documento pertencente ao seu espólio, que Joaquim Amaro de Sousa havia encontrado e o entregou. Tal documento referia-se a escritura de um terreno no município de São José, do outro lado da baía da ilha de Santa Catarina:

Declaro eu Bernardo Luiz de Espindula e minha mulher D. Maria Rosa de Luz, moradores na ponte de Imaruim distrito desta cidade de S. José, que nesta data vendi ao preto liberto Manoel Luiz, morador no Saco dos Limões pela a quantia de sessenta mil reis (60#000) que nesta data me entregue em moeda corrente do Paiz, uma pequena chacra [chácara] situada no lugar denominado (Picadas do Norte) contendo vinte e cinco braços (iguais a cinquenta e cinco metros) de frente, com oitenta braços (iguais a cento e setenta e seis metros) de fundos, mais ou menos.

Fonte: Processo de Autos de Arrecadação dos Bens de Manoel Luiz Leal, 1879, Desterro, Capital da Província de Santa Catarina, fls 16

Tempos depois, quando os pertences de Manoel estavam sendo avaliados para venda de seu espólio, descobriu-se que naquela chácara havia algo mais. Será que você consegue compreender o que o escrivão registrou sobre isto?



Fonte: Reprodução do Processo de Autos de Arrecadação dos Bens de Manoel Luiz Leal, 1879, Desterro, Capital da Província de Santa Catarina, fls 58.

Lá também havia árvores frutíferas, descritas na avaliação como cafeeira, laranjeira e bananeira.

Agora reflita: qual seria a importância desta chácara para Manoel? As experiências de Francisco e Antonio podem te dar mais pistas. Enquanto isto, crie um desenho de como seria este terreno, pode ser interessante para a sua narrativa.

Terceira Etapa

Já sabemos que Manoel compartilhava uma casa com Joaquim Amaro de Sousa. Aonde eles viviam? O escrivão do documento especifica:

Pelo presente chama-se e cita-se aos herdeiros ou sucessores do finado Manoel Luis Leal de nação Mina, falecido afogado, que foi morador no lugar determinado "Saco dos Limões".

Fonte: Processo de Autos de Arrecadação dos Bens de Manoel Luiz Leal, 1879, Desterro, Capital da Província de Santa Catarina, fls 22.

Manoel morava no Saco dos Limões. Ao que tudo indica, naquele período o caminho para esta localidade iniciava-se na rua da Toca, no sul da Ilha de Santa Catarina. Observe o mapa de Desterro no século XIX. Encontre a rua da Toca, você perceberá que é distante da parte central da cidade.

MAPA APROXIMADO DE DESTERRO SÉCULO XIX



LEGENDA	TOPONÍMIAS		
Limite do Mar Sec. XIX	A - PRAIA DE FORA	H - PEDREIRA	1 Igreja Santa Dolores
Limite dos Antigos Bairros	B - MATO GROSSO	I - TRONQUEIRA	2 Igreja São Francisco
Principais Ruas	C - SAO LUIS	J - CAMPO DO MANEJO	3 Igreja Nossa Senhora do Desterro
Rios e Corregos	D - ESTREITO	K - TOCA	4 Igreja Menino Deus
Pontes	E - JOSE MENDES	L - MENINO DEUS	5 Igreja do Rosario e São Benedito dos Homens Pretos
Charco	F - FIGUEIRA	M - PEDRA GRANDE	6 Igreja Nos. Sen. do Canceleao dos Homens Pardos
	G - RITA MARIA E ARATACA	N - CANUDINHOS	7 Capela do Cemitério
			8 Igreja Nossa Senhora da Paço das Irmas Crioulos- 1868

NEAB - Nucleo de Estudos Afro-Brasileiros
 Projeto Escravido na Ilha de Santa Catarina/UESC
 Mapa elaborado por Sabrina Boeira, a partir da digitalização de material cartográfico produzido por Elione V. da Veiga, em Florianópolis, Memória Urbana, Editora da Ufsc, 1993.
 Projecção Universal Transversa de Mercator
 ESCALA GRÁFICA
 0 500 1000 2000 2500
 Fpolis, junho/2003

Fonte: RASCHE, Karla Leandro. **“Resolveo a mesa que pelo menos houvesse huma missa resada”**: festas, procissões e celebração da morte na Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito dos Homens Pretos em Desterro/SC – 1860 a 1890. 2009. 90p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, p. 24.

Já a chácara que pertencia a Manoel ficava do outro lado do mar, em São José. Os documentos nos trazem um indício de como ele se locomovia entre suas propriedades:

Tendo vindo ao meu conhecimento que na noite de hontem, o preto de Nacionalidade Africana, de nome Manoel Luis Leal fallecera afogado na bahia dessa Cidade em consequencia de ter desviado a canoa em o qual se transpunha para este porto, lugar de seu domicilio.

Fonte: Processo de Autos de Arrecadação dos Bens de Manoel Luiz Leal, 1879, Desterro, Capital da Província de Santa Catarina, fls 2.

Com estas pistas você já deve imaginar algumas experiências que Manoel tinha vivendo como um homem liberto no sul do Brasil em meados do século XIX.

Os trechos que você acabou de ler se referem a Manoel como *preto de nacionalidade africana* ou de *nação Mina*. Estas eram algumas identificações dadas a estes sujeitos no período. Talvez Augusto possa lhe ajudar a compreendê-las: vá até o ponto de sua trajetória.

Agora você está pronto para criar uma narrativa que conte a história de Manoel!

O COTIDIANO DE ANTONIO

Você sabia que para escrever a história, historiadores fazem análise de documento?

Eles reúnem textos do período que estão estudando e a partir deles fazem interpretações do passado. Esta será a sua tarefa: desvendar as pistas da documentação e criar uma narrativa para contar a história de Antonio. Para isto, siga as etapas abaixo. Quando tiver reunido todas as pistas possíveis, é hora de criar sua narrativa!

Antonio da Costa Peixoto foi um africano que viveu na cidade de Nossa Senhora do Desterro, que hoje é chamada de Florianópolis/SC, na metade do século XIX. Em determinado momento de sua vida, não sabemos afirmar quando, conquistou sua **liberdade**. O que significava esta palavra para um homem que havia atravessado o oceano Atlântico, para viver no Brasil na condição de escravizado e, provavelmente por anos, lutar para ser um homem livre novamente? Vamos descobrir.

Primeira Etapa

Viver em uma sociedade na qual a escravidão era permitida não deveria ser fácil para Antonio e nossos outros personagens. Ele foi um, entre vários outros naquele período, que provavelmente conseguiu comprar sua carta de alforria, pagando uma quantia ao seu senhor ou senhora pela sua liberdade.

Como sabemos que Antonio era um homem liberto? Veja nos trechos abaixo como as autoridades e testemunhas se referem a ele.

Constando a este juizo de orphãos que em dias da semana próxima passada, fallecera intestado e sem herdeiros, nesta cidade em casa em casa de Duarte Teixeira da Silva o preto Antonio liberto

Fonte: Arrecadação dos Bens do preto de nação Antonio liberto, 1862 a 1872, Desterro, Capital da Província de Santa Catarina, fls. 2.

Diz o Cirurgião José Ferreira Lisboa, morador nesta cidade, que sendo chamado para medicar o preto liberto Africano de nome Antonio, que se achava doente em Casa de Duarte Teixeira da Silva...

Fonte: Arrecadação dos Bens do preto de nação Antonio liberto, 1862 a 1872, Desterro, Capital da Província de Santa Catarina, fls. 8.

Diz Manoel José Machado, m^{or} em Itacopé Freg^a de Santo Antonio, que ficando-lhes a dever o finado Ant^o da Costa Peixoto preto liberto, a quantia de 59#000 dedr^o de empréstimo.

Fonte: Arrecadação dos Bens do preto de nação Antonio liberto, 1862 a 1872, Desterro, Capital da Província de Santa Catarina, fls. 10.

Se você for até a trajetória de Augusto vai saber um pouco mais sobre as identificações dadas a este sujeito.

Por que era importante para Antonio ter especificado na documentação que era um homem liberto? Redija uma justificativa para explicar este fator.

Segunda Etapa

Leia os depoimentos de alguns conhecidos de Antonio, chamados pelo Juízo de Órfãos e Ausentes em decorrência do falecimento de nosso personagem, a fim de descobrir mais informações sobre o mesmo.

Frederico Alves Correa, um conhecido de Antonio, afirmou:

sabia quanto aos bens do falecido que elle hua [uma] vez por outra comprava e vendia café [mas não sabia se] esse café era produzido nas terras do mesmo defunto.

Fonte: Arrecadação dos Bens do preto de nação Antonio liberto, 1862 a 1872, Desterro, Capital da Província de Santa Catarina, fls. 6.

Duarte Teixeira da Silva, cidadão com quem Antonio morava, afirmou que ele possuía os seguintes bens em sua casa:

uma caixa de madeira sem ferrolho com um par de sapatos de cano de lustro; Vinte e três braços de terras com frente ao Cacupé, na freguesia de Santo Antonio.

Fonte: Arrecadação dos Bens do preto de nação Antonio liberto, 1862 a 1872, Desterro, Capital da Província de Santa Catarina, fls. 4.

Antes de continuar, você precisa saber de dois fatores importantes:

1. Naquele período, ter sapatos era um indício da condição de liberdade. Já notou em pinturas históricas que mulheres e homens na condição de escravizados estão sempre descalços? Aí está o motivo.
2. Possuir terras também era um sinal de distinção. Geralmente, pessoas na condição de escravizadas não tinham acesso a um imóvel ou terreno.

Qual relação podemos fazer entre os dois depoimentos? Eles nos ajudam a compreender o significado de liberdade para Antonio? Escreva você mesmo um depoimento com suas conclusões.

Terceira Etapa

Está na hora de saber mais sobre os locais por onde Antonio circulava, talvez isto possa te dar mais pistas sobre as suas experiências. E sobre este conceito, a trajetória de Manoel pode te auxiliar a compreendê-lo.

Era no Bairro da Tronqueira, na Rua do Vigário que Antonio da Costa Peixoto morava. Este era considerado um bairro de pobres, aonde viviam pessoas livres e escravizadas. Em frente à rua da Tronqueira, perpendicular à rua onde Antonio morava, nosso outro personagem, Francisco de Quadros possuía uma morada. Observe o mapa abaixo e imagine o andar de Antonio pelo local.



Fonte: CARDOSO, Paulino de Jesus Francisco. **Negros em Desterro**: Experiências de populações de origem africana em Florianópolis na segunda metade do século XIX. Itajaí: UDESC; Casa Aberta, 2008, p. 68.

Naquela época, a ilha de Santa Catarina, hoje Florianópolis, era dividida por espaços chamados de Freguesias. Mas as terras que possuía em seu nome, localizavam-se na freguesia de Nossa Senhora das Necessidades e Santo Antonio.

Imagine o cenário da freguesia de Nossa Senhora do Desterro: as ruas eram locais de intensas atividades, nas quais muitos africanos, africanas e afrodescendentes trabalhavam de ganho, na maioria das vezes para acumular uma quantia suficiente para comprar sua liberdade ou simplesmente para sobreviver no contexto escravista da época. Era comum observar africanas e crioulas como quitadeiras vendendo seus produtos ou como lavadeiras, se utilizando dos vários riachos que a geografia da cidade apresentava; sem contar as cozinheiras e domésticas que perambulavam nos mercados, cuidando das crianças, dos seus senhores e senhoras. Os homens, por sua vez, apareciam vendendo e carregando mercadorias pelo cais do

porto, ou exercendo funções relacionadas às atividades marítimas. Você pode descobrir mais sobre o porto de Desterro em um outro ponto deste site.

Já a freguesia de Santo Antonio tinha uma característica mais rural, onde se produziam arroz, farinha, milho, açúcar entre outros produtos de subsistência. Nela também viviam africanos, africanas e afrodescendentes.

A partir dos rastros que seguiu até aqui, você consegue supor qual era o ofício de Antonio? Já pode começar sua narrativa escrevendo como seria um dia de trabalho de nosso personagem.

Quarta Etapa

Para compreender mais sobre a trajetória de Antonio e o significado da liberdade, siga mais algumas pistas da documentação.

Para comprar os 23 braços de terra no Cacupé, Antonio precisou fazer um empréstimo de 59 mil réis com Manoel José Machado, morador da freguesia de Santo Antonio.

Quando adoeceu, Antonio precisou de cuidados médicos. Assim, o cirurgião José Ferreira Lisboa lhe fez várias visitas e medicações. Porém, não conseguiu fazer o pagamento devido a ele antes de falecer.

Duarte Teixeira da Silva, com quem Antonio morava, disse ainda que ele possuía uma dívida com o pedreiro Angelo, pelos serviços prestados; e com Damázia, escrava de Dona Ignacia.

Você já deve ter notado que possivelmente Antonio vivera por bastante tempo em Nossa Senhora do Desterro para construir vínculos de solidariedades e, a partir deles, obter crédito na praça. Aliás, com a trajetória de Francisco você irá descobrir o que são estes vínculos.

Agora você já tem algumas pistas sobre a trajetória de Antonio. Está pronto para criar uma narrativa que conte sua história!

O COTIDIANO DE FRANCISCO

Você sabia que para escrever a história, historiadores fazem análise de documento?

Eles reúnem textos do período que estão estudando e a partir deles fazem interpretações do passado. Esta será a sua tarefa: desvendar as pistas da documentação e criar uma narrativa para contar a história de Francisco de Quadros. Para isto, siga as etapas abaixo. Quando tiver reunido todas as pistas possíveis, é hora de criar sua narrativa!

Francisco de Quadros foi um africano que viveu na cidade de Nossa Senhora do Desterro, que hoje é chamada de Florianópolis/SC, na metade do século XIX. Não sabemos dizer quando ele chegou ao Brasil. Como você deve imaginar, ele teve que reescrever sua história: construir uma família e trabalhar para sobreviver. Assim como outros homens e mulheres vindos da Costa da África, Francisco criou **vínculos de solidariedade** em Desterro, para que pudesse viver melhor.

Segunda Etapa

O que é uma quitanda? No século XIX era comum encontrar várias ao andar por diferentes cidades do Brasil. É como uma pequena mercearia, mas não com as estruturas que estamos acostumados atualmente, onde podia se comprar diferentes gêneros alimentícios.

Veja na obra de Henry Chamberlain como ele representou este tipo de comércio no Rio de Janeiro.

Quitadeiras da Lapa (1819-1820), de Henry Chamberlain



Fonte: CHAA, Centro de História da Arte e Arqueologia – UNICAMP. WARBURG -Banco Comparativo de Imagens. **Henry Chamberlain**. Disponível em: <<http://warburg.chaa-unicamp.com.br/artistas/view/1470>> . Acesso em 09 jul. 2018.

Agora você já tem uma pista do trabalho de Francisco. Será que era por meio de seu ofício que ele negociava e criava vínculos com várias pessoas?

Sua tarefa agora é fazer um desenho de Francisco em um dia de trabalho. Fique atento aos detalhes: quais roupas ele utilizava e como era a sua postura. Estas foram as roupas encontradas na casa de Francisco quando faleceu: 1 chapéu de pelo, uma sobrecasaca de pano, calças de casimira azul e dois coletes.

Dica: você pode buscar imagens destas roupas para criar seu desenho.

Terceira Etapa

Você notou que Francisco provavelmente mantinha uma rede de relações com homens que tinham condições diferentes das suas? Será que estes vínculos possibilitavam a Francisco viver melhor na cidade de Desterro?

Além destes vínculos, provavelmente Francisco construiu na cidade de Desterro laços afetivos. Sabemos que entre os anos de 1820 e 1843, ele batizou na Igreja Matriz vários africanos e africanas, assim como *crioulos*, filhos de africanos nascidos no Brasil, fossem eles de condição liberta ou escravizada. Localize na pintura de fundo desta página a Igreja da Matriz.

É importante saber que ele era um homem liberto, isto é, em algum momento de sua vida Francisco conquistou sua liberdade. Será que esta era uma prática comum de homens libertos? Talvez você descubra um pouco mais sobre o significado de liberdade na trajetória de Antonio.

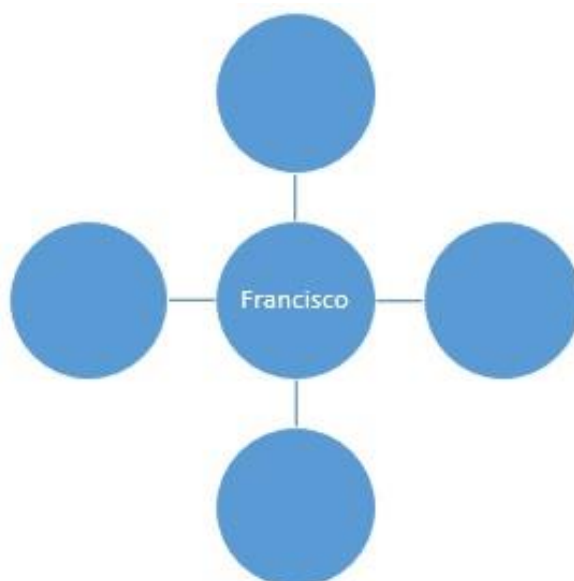
Francisco batizou como padrinho onze pessoas adultas que assim como ele, vieram de algum lugar do continente africano. Os registros de batismo, trazem ainda uma identificação do local de onde tais pessoas vieram (Se você for até a trajetória de Augusto, vai saber um pouco mais sobre estas identificações):

Joanna, Cabinda; Anna, Moçambique; Maria, da Costa; Domingos, da Costa; Pedro, da Costa; José, da Costa; Maria, Moçambique; Catharina, Cabinda; Luis, Congo; Isabel, Moçambique e Domingos, Moçambique.

Fonte: ACMF. Livro de Batismo de Escravos de 1818-1840; Livro de Batismo de Escravos de 1840-1850.

Agora reflita: o que significa para nossa sociedade o batismo? O que será que significava para Francisco? A partir disto, crie um esquema, especificando os vínculos que Francisco construiu no período que viveu em Desterro.

Dúvidas de como criar um esquema? Veja o exemplo abaixo: o nome de Francisco deve estar no centro e ao seu redor aqueles com quem tinha vínculos. Nas linhas, você pode escrever qual era o tipo de vínculo que possuía.



Quarta Etapa

Ao norte da Igreja da Matriz, outro local também muito frequentado por Francisco, estava a Igreja de Nossa Senhora do Rosário. A maior parte daqueles que frequentavam esta igreja eram africanos e seus descendentes. Formavam, então, uma irmandade, com a qual podiam se auxiliar nos momentos difíceis e celebrar histórias e práticas culturais comuns tanto do continente africano, quanto as que reelaboraram aqui em terras brasileiras.

Francisco de Quadros foi juiz da Irmandade nos anos de 1844, 1848 e 1850. Este cargo era o mais importante da instituição. Veja na aquarela abaixo como o pintor Jean-Baptiste Debret a registrou. Analise-as em todos os detalhes: quem está presente, o que estão fazendo, quais vestimentas estão usando, quais funções cada um representa, explicando o porquê.

Coleta de esmolas para a Igreja do Rosário. Porto Alegre, 1828. De Jean-Baptiste Debret.



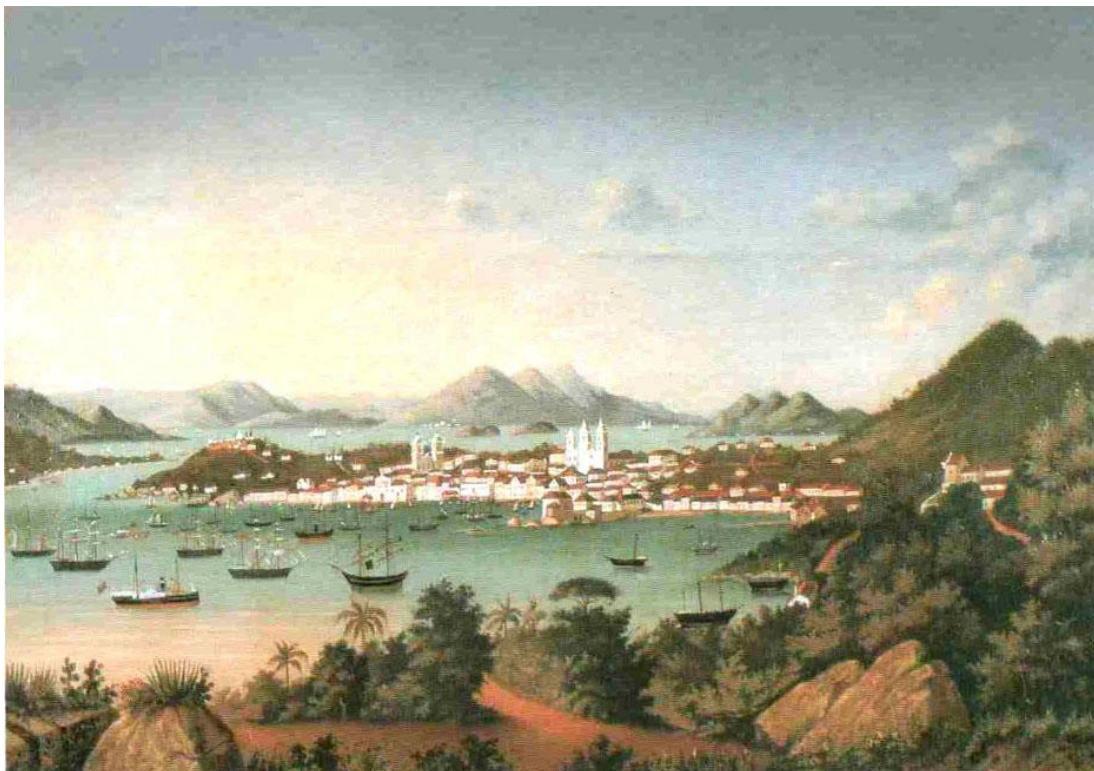
Fonte: BANDEIRA, Julio; LAGO, Pedro Corrêa. **Debret e o Brasil**: obra completa, 1816-1831. Rio de Janeiro: Editora Capivara, 2013. p. 631.

Agora você já tem algumas pistas sobre a trajetória de Francisco. Está pronto para criar uma narrativa que conte sua história!

O PORTO DE DESTERRO

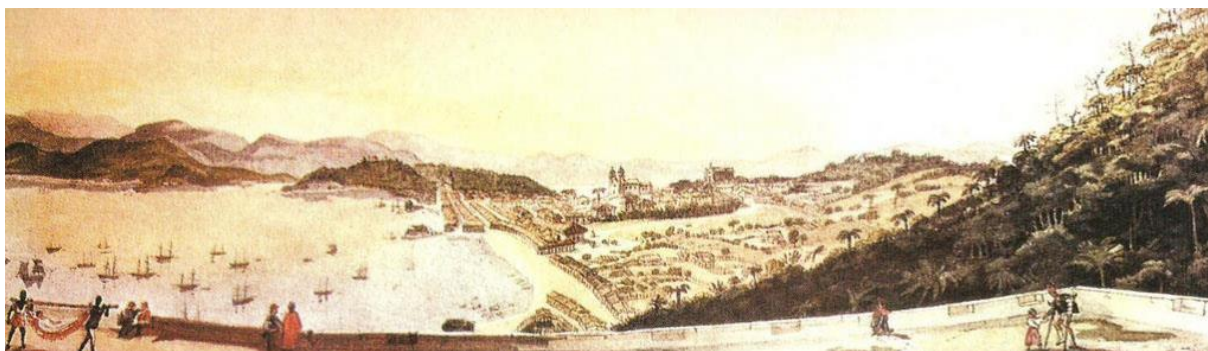
O Porto era a entrada para o mundo de Desterro. Foram vários os artistas que o retrataram. Analise as pinturas abaixo e identifique o que se destaca nas obras. A própria tela de fundo desta página também o representa. Em seguida, busque pelo local aonde estaria localizado o porto.

Vista da antiga cidade de Desterro, 1868. De Joseph Bruggemann.



Fonte: CORRÊA, Carlos Humberto. **História de Florianópolis – Ilustrada**. Florianópolis: Editora Insular, 2004. p. 201.

Laguna vista do Hospital, 1827. De Jean- Baptiste Debret



Fonte: BANDEIRA, Julio; LAGO, Pedro Corrêa. **Debret e o Brasil: obra completa, 1816-1831**. Rio de Janeiro: Editora Capivara, 2013. p. 302.

O porto era um local estratégico para o comércio da Ilha de Santa Catarina, mas também para o abastecimento de embarcações que seguiam viagens para o Sul do território americano. Leia qual a avaliação do Conselho Ultramarino Português no século XVIII da Ilha e de seu porto:

“He muito celebre e famosa a Ilha de Santa Catharina, por ser a mayor, e a melhor, que há em toda a Costa Sul do Rio de Janeiro, e do Brazil, não só por razão de sua grandeza, que occupa quazi dez legoas de comprimento, e trez de largura, mas pela sua situação, e comodidade, que a fazem apetevida de todas as nações, que navegação aquelles mares, por se achar tão visinha a Terra firme, e com Bahias tão cômodas para abrigo, e cômodo dos navios, que estando ancorados, nos seus portos, estão livres dos insultos das tormentas e tempestades. Alem de todas estas comodidades, achão nella os navegantes abundancia de excelentes madeiras para

consertarem as suas embarcações, como também o refresco de agoa admiravel para fazerem aguadas, muita abundancia de peixe, e outras fructas da terra: por estas grandes conveniências he muy freqüentada dos navegantes, que cruzão o Mar do Sul, que todos fazem escala nessa Ilha, para esperarem monção para passarem da América a Europa, e da América ao Mar do Sul das Índias de Espanha, e já nos seus portos (onde sempre estão navios) invernarão muitas armadas. Poderão-se as conveniências de se povoar esta Ilha. Fortificando-se esta Ilha, será logo brevemente povoada em forma, como também a terra firme, que fica na sua vizinhança, por haver assim na terra, como na Ilha comodidades para se fazerem grandes fazendas com gados, engenhos de farinha e assucar.”

Fonte: SANTOS, André Luiz. **Do Mar ao Morro**: a geografia histórica da pobreza urbana em Florianópolis. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009. p. 233

Além do comércio, era por este local que chegavam africanos e afrodescendentes de outras províncias para trabalhar como escravizados em Desterro. Muitos destes passavam a trabalhar no porto uma vez instalados na região, abastecendo os navios que por ali passavam para seguir viagem.

O pintor francês Jean-Baptiste Debret retratou a movimentação no porto do Rio de Janeiro, no período em que lá viveu. Observe as pinturas abaixo e reflita: quem aparece trabalhando no porto? Que tipo de trabalhos eram realizados?

Uma tarde na praça do Palácio, 1826. De Jean-Baptiste Debret



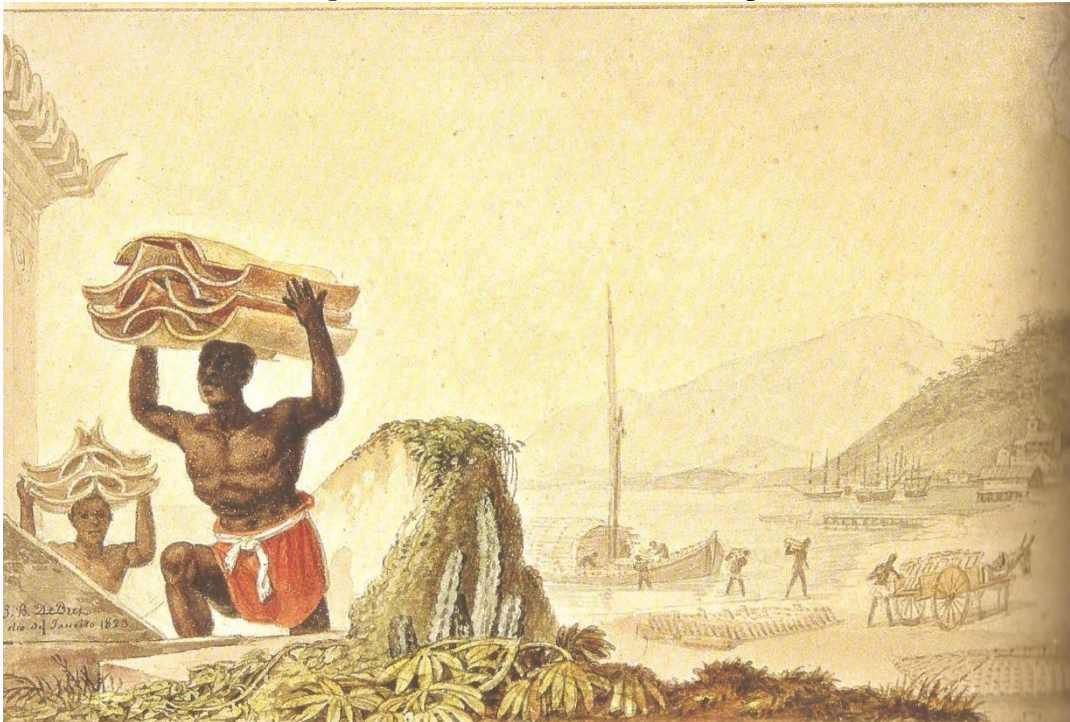
Fonte: BANDEIRA, Julio; LAGO, Pedro Corrêa. **Debret e o Brasil**: obra completa, 1816-1831. Rio de Janeiro: Editora Capivara, 2013. p. 173.

Angu da Quitandeira, 1826. De Jean-Baptiste Debret



Fonte: BANDEIRA, Julio; LAGO, Pedro Corrêa. **Debret e o Brasil**: obra completa, 1816-1831. Rio de Janeiro: Editora Capivara, 2013. p. 197.

Desembarque de Telhas, 1823. De Jean-Baptiste Debret



Fonte: BANDEIRA, Julio; LAGO, Pedro Corrêa. **Debret e o Brasil**: obra completa, 1816-1831. Rio de Janeiro: Editora Capivara, 2013. p. 218.

É possível que o porto de Desterro também tivesse alguma movimentação parecida. Consegue imaginar Augusto, Francisco, Antonio e Manoel andando pelo local contando suas histórias? Crie um diálogo entre eles, apontando quais seriam suas possíveis impressões do lugar ou até mesmo sobre seu cotidiano.

Assim, o Porto era a conexão de Desterro com o mundo atlântico: por ali chegavam e saíam pessoas de diferentes origens, costumes e culturas. Talvez fosse naquele cenário, que os recém-chegados africanos comessem a construir vínculos de solidariedade entre si e criar estratégias para melhor viver em uma sociedade escravista.

Estas pistas sobre o Porto de Desterro podem te auxiliar a construir sua narrativa, dando mais significado às histórias de seus protagonistas.